

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

**LEANDRO MOURA**

AS REPRESENTAÇÕES DA BIBLIOTECA PRISIONAL: O OLHAR DO PRESIDÁRIO

Rio de Janeiro

2016

LEANDRO MOURA

AS REPRESENTAÇÕES DA BIBLIOTECA PRISIONAL: O OLHAR DO PRESIDÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Professor Doutor Antonio José Barbosa de Oliveira.

Coorientadora: Professora Mestre Marianna Zattar.

Rio de Janeiro

2016

M929r Moura, Leandro

As representações da biblioteca prisional: o olhar do  
presidiário / Leandro Moura. - Rio de Janeiro, 2016.  
53 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em  
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016

Orientador: Prof. Dr. Antonio José Barbosa de Oliveira

Coorientadora: Prof. <sup>a</sup> M.e. Marianna Zattar.

1. Biblioteca Prisional. 2. Representação. 3. Memória. 4.  
Bibliotecário. I. Silva, Leandro Moura da. II Oliveira, Antonio  
José Barbosa de. III. Zattar, Marianna. IV. Título.

CDU 027.6

LEANDRO MOURA

AS REPRESENTAÇÕES DA BIBLIOTECA PRISIONAL: O OLHAR DO PRESIDÁRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em março de 2016.

---

Prof. Dr. Antonio José Barbosa de Oliveira (Orientador)  
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Profa. M.e Marianna Zattar (Coorientadora)  
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. M.e Robson Santos Costa  
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dra. Nysia Oliveira de Sá  
Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dedico este trabalho para meus pais, irmão e companheira. Estiveram ao meu lado durante todo o processo de construção do estudo, então nada mais justo que receberem esse presente simbólico com todo o carinho.

## AGRADECIMENTOS

Uma das partes que em primeiro instante é algo tão simples de se fazer acaba se tornando difícil no momento em que se começa a escrever. O receio de deixar passar alguém acaba percorrendo o pensamento a todo instante, e quanta ingratidão seria. De fato, quem contribuiu para a construção do estudo? Quem deve ser agradecido, não só por uma contribuição teórica, que ajudou a completar uma seção ou pela a indicação de um artigo, mas o ato de estar próximo, de ter paciência?

Toda a contribuição teórica se mostra de extrema importância na montagem do trabalho, visto que sem embasamento teórico não seria possível finalizar a pesquisa, porém o que quase sempre é deixado um pouco de lado são as pessoas que contribuíram de uma forma “alternativa”. E nesse instante os primeiros a serem lembrados são os familiares, em vista disso tenho muito a agradecer minha mãe Valdenice, meu pai José e meu irmão Diego. Por que mesmo muitas vezes sem perceber eles me serviram como motivação.

Levamos para o mundo o que aprendemos em casa, batalhamos com o mundo utilizando as armas que obtivemos em casa. Entre brigas e incertezas agradeço aqui pelo que ficou em evidência. O amor, mesmo que demonstrado das formas mais bizarras possíveis, muitas vezes incompreensíveis. O que fica como sabedoria aqui é saber que sempre tive e tenho alguém pra contar.

O agradecimento ao meu orientador Antonio também deve ser feito, agradeço por ter abraçado minha ideia e assim ter topado descobrir novas temáticas em conjunto comigo. À minha Coorientadora Marianna Zattar tenho muita gratidão, obrigado pela orientação, pela paciência e pela motivação constante.

Agradeço também todo o grupo da Escola de Gestão Penitenciária, em especial o Moraes, que me ajudou a alimentar o desejo de pesquisar um pouco a respeito do sistema penitenciário brasileiro.

Meus amigos de sala que me acompanharam durante esses quatro anos fica aqui registrado o meu muito obrigado. Com certeza as coisas se tornaram mais fáceis. Por último e não menos importante, agradeço minha companheira de alguns bons anos, Jessica. Que me ajudou na parte técnica, na teórica e também na motivacional, me dando assim todo o suporte nas horas em que a mente não queria funcionar e agir de forma coerente. Um pouco da gratidão pelo carinho passado durante todo esse tempo fica registrado aqui.

“Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.” (FREIRE, 1987)

## RESUMO

A pesquisa aborda as representações que o preso faz da biblioteca prisional. Para isso buscou-se realizar uma entrevista diretamente com um presidiário no campo de pesquisa, o Presídio Evaristo de Moraes (PEM). Apresenta a situação carcerária do Brasil e mais especificamente do PEM. Conceitua os termos representação e memória que servem como base para análise da narrativa do interno entrevistado. Utiliza a literatura sobre a biblioteca prisional para a contextualização do trabalho. Os procedimentos metodológicos que caracterizam essa pesquisa são de caráter exploratório, de abordagem qualitativa, tendo como aporte a revisão bibliográfica, e a realização de uma entrevista estruturada com um preso afim de analisar as representações que o mesmo faz a respeito da biblioteca prisional. Mostra como resultado a representação da biblioteca prisional na perspectiva do preso. Conclui que a biblioteca prisional possui potencial de transformação da sociedade.

**Palavras-chave:** Biblioteca prisional. Representação. Memória. Bibliotecário.



## **ABSTRACT**

This research approaches the representations that the prison inmate makes of the prison library. To this end, we sought to conduct an interview with a prison inmate at the search field, the Evaristo de Moraes Penitentiary (PEM). It presents the prison situation in Brazil and more specifically of PEM. Conceptualizes the terms representation and memory, which serves as the basis for the analysis of the interviewed prison inmate narrative. Uses literature about prison library to contextualize the research. The methodological procedures that characterize this research are exploratory, with qualitative approach, having as a contribution the bibliographical review and conducting a structured interview with a prison inmate in order to analyze the representations that the inmate makes about the prison library. Show as results the representation of the prison library from the prison inmate's perspective. It concludes that prison library has the potential to transform society.

**Keywords:** Prison library. Representation. Memory. Librarian.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
1.1	PROBLEMA.....	13
1.2	OBJETIVOS.....	13
1.2.1	Objetivo Geral.....	13
1.2.2	Objetivos Específicos.....	13
1.3	JUSTIFICATIVA.....	14
1.4	ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO.....	15
<b>2</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	17
2.1	CAMPO DE PESQUISA, POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	17
2.2	TÉCNICA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	18
<b>3</b>	<b>SITUAÇÃO CARCERÁRIA DO BRASIL E PRESÍDIO EVARISTO DE MORAES</b> .....	20
<b>4</b>	<b>REPRESENTAÇÃO E MEMÓRIA</b> .....	23
<b>5</b>	<b>BIBLIOTECA PRISIONAL</b> .....	26
5.1	BIBLIOTECA PRISIONAL E SUAS CARACTERÍSTICAS COMUNITÁRIAS.....	32
5.2	A ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NA BIBLIOTECA PRISIONAL.....	34
<b>6</b>	<b>AS REPRESENTAÇÕES FEITAS PELO PRESIDÁRIO A RESPEITO DA BIBLIOTECA PRISIONAL</b> .....	39
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49
	<b>APÊNDICE A – ESTRUTURA DA ENTREVISTA</b> .....	53

## 1 INTRODUÇÃO

A biblioteca é um ambiente para o acesso às informações e, por isso, entende-se como uma de suas funções o fornecimento de subsídios para formação de conhecimento dos indivíduos que frequentam seus espaços. Acredita-se que a ambiência proporcionada nesses locais, onde existe um contato direto com informações consolidadas de pesquisadores em variados suportes, venha trazer uma lucidez em relação a atividades e acontecimentos que envolvam todos os seres humanos no local ao qual vivem.

Em base nesse contexto, observa-se os presidiários, vivendo reclusos da sociedade, sem acesso às informações, mesmo levando em conta que devido a situação de cumprimento de pena, nem todo tipo informação possa ser compartilhado com eles. As bibliotecas nesses espaços de reclusão e principalmente os profissionais que nelas atuam, têm um papel importante, permitindo o contato do encarcerado com um local diferente ao qual ele se encontra. E julgando principalmente o atual estado das prisões brasileiras, como destaca Ribeiro, (2011, p. 38) ao falar que “as prisões, uma invenção da modernidade, como um espaço nomeadamente disciplinar, tem se mostrado convenientemente inadequadas tanto em princípios que fundamentam sua criação quanto aos métodos disciplinares utilizados”, acredita-se que a biblioteca prisional apresenta grande potencial no auxílio a ressocialização dos reclusos. Ainda mais quando se observa a presente situação, onde o Brasil passou de 607.731 pessoas privadas de liberdade no primeiro semestre de 2014 segundo o relatório do Sistema Integrado de Informações Penitenciárias (Infopen<sup>1</sup>), sendo o quarto maior na população prisional do mundo. O número de reincidentes continua alto, onde “no Brasil sete em cada dez presos que deixam o sistema penitenciário voltam ao crime, uma das maiores taxas de reincidência do mundo” (ÍNDICE..., 2011). Desta maneira crer-se que a biblioteca prisional pode contribuir também para a diminuição da reincidência, apesar da pouca discussão acerca desse ambiente.

São nítidos os problemas encontrados em ambientes prisionais no Brasil. Situações degradantes são expostas constantemente, ocorrendo grande violação dos direitos humanos. A exemplo, destaca-se os casos divulgados recentemente em visita feita pela defensoria pública nos presídios Evaristo de Moraes e Romeiro Neto localizados no Estado do Rio de Janeiro. Nestes encontrou-se fios soltos pelas paredes, baratas, estruturas de cimentos rachadas que

---

<sup>1</sup> O Infopen é um programa de computador (*software*) de coleta de Dados do Sistema Penitenciário no Brasil.

serviam de cama, celas muito lotadas com somente uma pequena passagem de luz, garrafas de água com larvas, presos mastigando papel higiênico para “enganar” a fome, buracos no chão para serem utilizados como privadas e águas saindo de um cano da parede servindo como chuveiro (DEFENSORIA pública..., 2015). É importante ressaltar que o indivíduo ao ser preso não perde seus direitos de ser humano, “dentre os direitos e garantias fundamentais, a Constituição Federal proíbe as penas cruéis (art. 5º, XLVII, e, CF/88), e garante ao cidadão-preso o respeito à integridade física e moral (art. 5º, XLIX, CF/88)” (DEMARCHI, c2015).

Atualmente uma das funções primordiais da prisão é a recuperação e ressocialização do indivíduo que veio a ser preso por cometer algum tipo de delito, isto porque “[...] a Lei de Execução Penal prevê que, além do caráter retributivo, punitivo, a sanção penal deve ter como função preparar o criminoso para a volta à vida em sociedade, proporcionando condições para a ‘harmônica integração social do condenado e do internado’.” (RIBEIRO; MARTA, 2011, p. 2). Portanto o antigo conceito de prisão como somente encarregada de punição e vingança não se aplica mais, ao menos aos olhos das leis instauradas, como é possível verificar ao analisar a Lei de Execução Penal - Lei n. 7.210, do ano de 1984 que estabelece os direitos e deveres do preso, salientando a assistência necessária ao preso para que ocorra uma correção do indivíduo e reinserção do mesmo na sociedade.

É nesse contexto delicado que as bibliotecas prisionais aparecem como mais um meio de apoio à reinserção do preso na vida social. O contato com materiais informativos no primeiro momento, o ato de ler em si, destaca-se como ocupação das mentes ociosas dos reclusos, fazendo com que os mesmos assimilem informações que podem vir a se tornar essenciais em sua reestruturação como pessoa, podendo aferir muitas vezes um desejo de mudança da situação nas quais se encontram.

Essa ideia abordada atualmente de existência e também da necessidade de “instrumentos” que auxiliem na ressocialização do indivíduo, sendo um desses instrumentos a biblioteca prisional, nem sempre existiu. Foi essa mudança na concepção de somente punir de forma desumana o infrator para então passar a tentar corrigi-lo com intuito que o mesmo volte a sociedade, que gerou a necessidade da criação dessas formas e meios de apoio a ressocialização, ao menos no papel, visto que na prática, os processos que envolvem o auxílio a ressocialização ainda se apresentam distante do ideal, conforme exemplos apresentados ao longo do seguinte estudo. Foucault (1987, p. 12) aponta que “no fim do século XVIII e

começo do século XIX, a despeito de algumas grandes fogueiras, a melancólica festa de punição vai-se extinguindo”.

A punição corporal, portanto, passou a ser vista como algo negativo, - o corpo começou a não ser mais o alvo. Passou a entender que o fato de o indivíduo ter cometido uma infração e ter sido visto como ruim pela sociedade já era de início uma punição. Visto que o modo como a punição era tratada, como entretenimento e prazer, os esqueteamentos em praça pública, a queima em fogueiras, as coleiras e espancamentos igualavam os seres que achavam que estavam fazendo justiça ou tornavam-nos até piores. Assim o carrasco passou a dar lugar para psiquiatras, médicos, psicólogos (FOUCAULT, 1987, p. 12-13).<sup>2</sup>

Ponto importante então a destacar nessa exposição, são as vantagens que o processo de leitura traz para o ser humano, principalmente nesse ambiente, muitas vezes ajudando na expansão do vocabulário, fazendo com que o indivíduo passe a se expressar melhor perante outros cidadãos, desenvolvendo também maior senso crítico em relação as questões gerais da sociedade. Em suma, Martins (2003, p. 27) aponta que “a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”.

O espaço físico que a biblioteca prisional deve proporcionar é um importante ponto que também deve ser destacado nesse cenário, visto que irá se diferir completamente do ambiente ao qual aquele recluso passa grande parte de seu tempo, no caso, as celas. Podendo assim tornar sua rotina mais agradável, trazendo um contato mais humano para o cotidiano do recluso.

Multipliquemos os lugares de informações, multipliquemos as categorias de informação, diversifiquemos os suportes da informação (imagens, música, expressão corporal, desenhos, grafites, o escrito, etc.) para que a biblioteca seja realmente integrada à prisão e possa modestamente contribuir com a capacidade reflexiva do detento, com seu conhecimento de causa, com um outro futuro quando da saída do estabelecimento. (MAEYER, 2013, p. 47)

Apesar do potencial de mudança ressocializadora que uma biblioteca localizada dentro da prisão pode vir a trazer para os reclusos, são inúmeras as representações que os mesmos fazem dessa biblioteca prisional, ou seja, a biblioteca irá ser representada com determinadas diferenças de um indivíduo para outro. Em vista disso surgiu o problema da pesquisa: De que formas a biblioteca prisional é representada pelos internos? Portanto o Objetivo Geral do

---

<sup>2</sup> Porém no Brasil, apesar de no papel a função dos presídios seja a ressocialização, o ato de punir ainda ocorre constantemente, a exemplo, os 1863 casos de tortura e tratamento desumano, cruel ou degradante, recebidos pelo SOS tortura, no período de outubro de 2001 a janeiro de 2004.

estudo é identificar como a biblioteca prisional é representada, utilizando um recluso que cumpre pena no Presídio Evaristo de Moraes como amostra. Para isso surge a necessidade de apresentar primeiramente o perfil do preso brasileiro, pois esse serve como auxílio no processo de entendimento das representações que os reclusos fazem sobre a biblioteca prisional que vai ser abordado ao longo do trabalho.

Buscou-se então entender o que vem a ser biblioteca prisional, descrever suas atividades e apresentar o papel do bibliotecário que atua nesses estabelecimentos, destacando a importância do profissional para o ideal funcionamento das atividades desenvolvidas dentro do espaço da biblioteca. Com o perfil do preso traçado e o entendimento do conceito de biblioteca prisional torna-se possível ter uma determinada compreensão do significado que essa biblioteca tem no contexto de vida do presidiário que, em algum momento, teve algum contato com aquela unidade de informação. Para tanto, antes, é importante a assimilação do conceito de representação e memória, visto que assim a compreensão das etapas realizadas por determinado indivíduo ao representar algo, alguém, entre outras situações, vai ser entendido mais facilmente.

Para obtenção de uma resposta mais precisa e completa possível, um estabelecimento penal foi selecionado, o presídio Evaristo de Moraes, como destacado anteriormente. Com o campo de estudo escolhido tornou-se possível a escolha de um recluso para servir de amostra a respeito das representações feitas da biblioteca prisional.

Dentro da conceituação da biblioteca prisional tornou-se imprescindível estabelecer qual tipo de biblioteca denomina-se de fato a biblioteca prisional, visto que alguns autores denominam a biblioteca localizada em presídios como bibliotecas especializadas, diferentemente de outros que conceituam essas bibliotecas como especiais. Observando então a diferença existente entre os conceitos de biblioteca especial e especializada, ocorre a necessidade dessa diferenciação. Ao passo que essa diferença foi estabelecida, tornou-se possível entender qual o melhor conceito aplicável para denominação de uma biblioteca prisional.

Antes de dar prosseguimento nesse trabalho de conclusão de curso, torna-se importante explicar dois pontos do estudo. Primeiramente, o procedimento para a realização do pedido de entrevistas na biblioteca do presídio Evaristo de Moraes, que demandou um grande tempo e incertezas. A princípio foi necessário ir à Escola de Gestão Penitenciária, localizada no centro do Rio de Janeiro, instituição responsável pela abertura do processo de

solicitação de pesquisa nos presídios do Rio de Janeiro. Nesse local é solicitado um pré-projeto do trabalho que o pesquisador pretende realizar junto a toda documentação de vinculação do pesquisador a sua instituição de ensino, para assim passar por uma avaliação, podendo ser indeferido ou não o pedido de pesquisa. Quando o pesquisador tem por objetivo entrevistar algum interno (o caso desse estudo), o seu pré-projeto passa por avaliação da Secretaria de Administração Penitenciária e também por avaliação de um juiz.

Todo esse processo de avaliação leva aproximadamente de dois a três meses para a conclusão, para assim ser divulgado o resultado ao pesquisador. O segundo ponto é a nomenclatura utilizada ao longo do trabalho para designar os presos. Optou-se por usar os variados termos para se referir a eles, como: Presidiários, encarcerados, reclusos, presos, detidos, internos, sendo esse último entendido como o mais cabível de acordo com alguns agentes penitenciários, através de conversas informais. Portanto não se coloca no trabalho a forma como os próprios internos sentem-se melhor representados por determinadas nomenclaturas. Acreditando-se, porém, na variação das formas as quais os mesmos preferem ser nomeados.

## 1.1 PROBLEMA

De que forma as bibliotecas prisionais são representadas pelos presos?

## 1.2 OBJETIVOS

Os objetivos estão sistematizados e organizados em objetivo geral e objetivos específicos.

### 1.2.1 Objetivo Geral

Analisar as representações que o preso faz a respeito da biblioteca prisional.

### 1.2.2 Objetivos específicos

a) apresentar a biblioteca prisional e dialogar sobre seu tipo;

b) contextualizar os conceitos representação e memória;

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Descobrir um pouco das representações que os próprios reclusos fazem da biblioteca prisional, é um passo para entender a influência desse espaço na vida do recluso e se o papel esperado dela está sendo cumprido. Não se pode esquecer da carência de existência desses locais, como dito anteriormente, desse modo o fato de mostrar a utilidade dessa biblioteca, ou simplesmente falar sobre sua existência e o quanto ela pode ser aproveitada, já se caracteriza uma grande contribuição para a criação de mais diálogos acerca do assunto que pode vir a gerar novos estudos e debates.

O estudo se mostra valoroso para a área de Biblioteconomia, pois busca mostrar a importância a ser dada aos usuários, ao ser humano em si. Levando em conta o paradigma da área - o modelo compartilhado por alguns estudiosos do campo - que continua a trazer discussões atualmente, onde “a biblioteca é considerada como o foco principal da área e é entendida como uma organização social” conforme descreveu Russo (2010, p. 47-48). Nessa linha de pensamento acaba-se excluindo a devida atenção necessária a ser dada aos usuários. Assim, de acordo com Oliveira (2005 apud RUSSO, 2010, p. 48) esse paradigma é prejudicado por duas questões, a primeira é considerar o suporte do documento mais importante que o conteúdo e a segunda é deixar o atendimento aos usuários em segundo plano, que no caso deveria ser o foco principal.

A área se caracteriza pela disseminação da informação adequada, de forma que essa informação auxilie a vida dos usuários positivamente. Portanto a parte técnica é utilizada para trabalhar essa informação a ser disponibilizada, e a devida atenção deve ser direcionada aos seus usuários através dos espaços informacionais e dos profissionais que tendem a desempenhar uma função social, apoiando então a sociedade, estando em constante contato com esses usuários. Não se limitando então somente aos procedimentos de catalogação, classificação, representação, etc, que são a parte técnica. “Assim a missão do bibliotecário, que era quase exclusivamente bibliocêntrica, passa a ser também antropocêntrica; ou antes antropobibliocêntrica: designação que evidencia ser o elemento humano ainda mais importante que o documento”, de acordo com Fonseca (2007, p. 50).



Apresentar as atividades de uma biblioteca com grande potencial para contribuir positivamente para a sociedade, destacando-se todo o contexto apresentado, onde a unidade de informação junto com o profissional atuante pode vir a apresentar recursos de apoio para mudanças sociais, trabalhando com a atenção máxima aos seus usuários, é de extensa contribuição para o fortalecimento da área como agente social. Sustentando e estimulando ainda mais o cunho social da Biblioteconomia em variados contextos, que se trata de assunto de grande relevância, e como dito, muitas vezes muito pouco explorado.

#### 1.4 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O trabalho assume como tema central as representações de um interno a respeito da biblioteca prisional. Para isso, na primeira parte buscou-se contextualizar de forma introdutória toda a temática do estudo. Apresentando assim o problema, os objetivos e a justificativa do trabalho. E, na sequência os procedimentos metodológicos.

Na seção seguinte buscou-se apresentar a situação carcerária do Brasil e o presídio Evaristo de Moraes, o campo de estudo do trabalho, o qual foi utilizado para retirada da amostra. Mostrando-se então toda a parte histórica do presídio desde a sua criação e também seu estado atualmente.

Após o esclarecimento dessa primeira parte, os conceitos de representação e memória foram expostos a fim de dar suporte ao entendimento das exposições que o interno fez da biblioteca prisional. Dando continuidade, como um dos temas principais do trabalho, explicou-se diversos pontos a respeito da biblioteca prisional, da sua função e atividades até ao que se espera da mesma. Trazendo leis que garantem a existência desse espaço e sua importância no auxílio a ressocialização dos internos, colocando-se como destaque a necessidade de um bibliotecário para o ideal cumprimento do funcionamento da biblioteca prisional.

Em segundo momento as características de biblioteca comunitária que foram identificadas na biblioteca prisional, em especial na biblioteca do presídio Evaristo de Moraes como também a importância da presença de algumas características na formação do bibliotecário que atua nesses espaços foi exposta.

Nas últimas seções do trabalho detalhou-se exatamente as representações do interno a respeito da biblioteca prisional, inserindo nessa etapa toda a dificuldade para realização da

entrevista e a descrição completa da entrevista, toda a narrativa do interno entrevistado. E após análise da narrativa do encarcerado, mostrou-se quais representações o mesmo fez da biblioteca prisional, utilizando para clarear tudo o que se foi exposto os conceitos de representação e memória colocados anteriormente.

Por fim buscou-se trazer uma conclusão para o trabalho, mostrando a importância dos diversos pontos levantados ao longo do estudo e responder a pergunta central que foi proposta ao início de toda a pesquisa.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Conforme os objetivos delineados no estudo para resolução do problema, a pesquisa caracteriza-se como exploratória. O estudo é uma etapa inicial de uma vasta pesquisa, sendo analisado uma pequena amostra de resultados através de uma entrevista estruturada para obtenção das primeiras respostas a serem desenvolvidas posteriormente. Para Gil (2008, p. 27) “este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”.

Uma parte da pesquisa será realizada através do levantamento bibliográfico, de forma que os materiais selecionados possam contribuir para elucidação dos conceitos que serão abordados. As “Pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 2008, p. 27).

O trabalho será delineado através do estudo de campo, visto que esse tipo de estudo procura se aprofundar nas questões que são propostas e estuda um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, sendo ressaltado então a interação de seus componentes. (GIL, 2008, p. 57). Utilizando-se, portanto, da observação e contato para obtenção de respostas, ou seja, uma interação com determinados indivíduos.

### 2.1 CAMPO DE PESQUISA, POPULAÇÃO E AMOSTRA

O campo de pesquisa escolhido para a realização desse trabalho foi o Presídio Evaristo de Moraes (PEM), apresentado ao início. O presídio foi escolhido após levantamento de informações a respeito das penitenciárias localizados no Estado do Rio de Janeiro que contam com biblioteca em suas instalações. Visando, portanto, a proposta do estudo, que procura verificar as representações que os presos fazem a respeito da biblioteca prisional. Outro aspecto contribuinte para a escolha do PEM foi a sua localização, sendo essa bastante acessível, localizada no bairro de São Cristóvão, próximo ao Centro da cidade do Rio de Janeiro.

A população do estudo é constituída por todos os presidiários que cumprem pena no Presídio Evaristo de Moraes (PEM), localizado no bairro de São Cristóvão. Uma parte dos internos cumpre pena em regime fechado e outra parte são presos provisórios, sendo um total de 1859 internos, e desses, o interno que trabalha na biblioteca foi escolhido como amostra,

visto que o mesmo por trabalhar dentro do espaço da biblioteca, passa a ter uma visão mais geral e completa dos serviços oferecidos por ela (a biblioteca) e também do uso que os outros internos fazem desse ambiente.

Cabe destacar que não houve nenhum tipo de discriminação ou prejuízo na seleção da amostra do estudo, onde a disponibilidade do interno e a concordância do mesmo foram primordiais para que a entrevista pudesse acontecer. Para o ingresso no campo de pesquisa foi necessária a documentação de pesquisa autorizada, sendo liberada com o devido consentimento do Subsecretário Adjunto de Gestão Operacional e o Subsecretário de Estado de Administração Penitenciária após análise do projeto de trabalho.

## 2.2 TÉCNICA DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A técnica de coleta de dados utilizada para o melhor embasamento do trabalho foi à entrevista estruturada. A escolha foi tomada a princípio, após conhecimento da dificuldade para marcação de entrevistas com os internos já que se trata de um público com especificidades, e também pela falta de conhecimento do tempo disposto por eles - internos - para serem entrevistados. Essa técnica melhor se adapta a essa situação, pois “desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados[...]” (GIL, 2008, p. 113). Portanto apesar de a entrevista estruturada ser realizada por meio de perguntas fechadas, não se busca respostas padronizadas, se atentando então na montagem de perguntas que permitam o entrevistado não se sentir direcionado no modo como irão responder as perguntas.

A possível opção de escolha da entrevista por pautas, que também poderia se encaixar no estudo, foi descartada primeiramente pela falta de experiência do entrevistador na realização de entrevistas, visto que essa técnica demanda maior experiência do entrevistador para coordenação dos procedimentos e também pela - como dito anteriormente - falta de conhecimento do tempo de entrevista com cada entrevistado. Entendendo, assim, que entrevistas com perguntas fechadas agilizam o processo de coleta de dados.

As entrevistas apresentam determinadas vantagens quando comparadas aos questionários - técnica de coleta de dados que também poderia ser aplicada - por exemplo. Uma delas é a não exigência da pessoa entrevistada saber ler e escrever (GIL, 2008, p.110), ponto esse decisivo na eliminação da escolha de questionários. Visto que, muitas vezes, os

internos apresentam baixo nível de escolaridade, conforme será apresentado posteriormente na seção da situação carcerária do Brasil. A flexibilidade da entrevista também conta bastante em muitos casos, pois o entrevistador pode tirar dúvidas de interpretação que venham a ocorrer pelos entrevistados, e assim guiá-los conforme necessidade.

### 3 SITUAÇÃO CARCERÁRIA DO BRASIL E PRESÍDIO EVARISTO DE MORAES

A situação carcerária do Brasil se encontra num estado crítico, atualmente, com grande aumento no encarceramento de indivíduos e previsões pessimistas para mudanças. Recentemente, o Ministério da Justiça divulgou o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias feito pelo Infopen, com dados atualizados de até 30 de junho de 2014. De acordo com o próprio Ministério da Justiça (c2015) esse “documento sintetiza os dados dos estabelecimentos penais dos estados com o objetivo de contribuir para um diagnóstico da situação prisional do país”. Portanto, as informações contidas no atual documento serão utilizadas no estudo, visto que contém dados importantes e atualizados, servindo dessa maneira como base para o material a ser apresentado ao longo do trabalho.

Dessa maneira, constatou-se que a população prisional do Brasil não para de crescer, chegando no ano de 2014 a um total de 607.731 reclusos, tendo assim a quarta maior população prisional, mantendo a mesma posição quando utilizado a medida de taxa de aprisionamento<sup>3</sup>, que mostra o número de pessoas presas a cada 100 mil habitantes. São cerca de 300 pessoas encarceradas para cada 100 mil habitantes segundo o relatório do Infopen. O relatório mostrou, também, o grande déficit de vagas no sistema penitenciário brasileiro, chegando ao considerável número de 231.062. É como se um espaço que comporta no máximo 10 encarcerados estivesse com 16 encarcerados, expôs o levantamento. Seguindo esse crescimento de presidiários no sistema penitenciário, no ano de 2022 o Brasil terá mais de um milhão de pessoas encarceradas.

Assim o Brasil ultrapassaria a Rússia que se encontra em terceiro lugar no ranking dos países com mais pessoas encarceradas com 673.818 reclusos, atrás da China com 1.657.812 reclusos e EUA que lidera com 2.228.424. Contudo, esses países que se encontram a frente do Brasil vêm diminuindo o número de pessoas encarceradas, onde desde 2008 os EUA, China e Rússia diminuíram 8%, 9% e 24%, respectivamente, enquanto o Brasil aumentou sua taxa de aprisionamento em 33%.

Destaca-se, também, que é possível observar com os dados expostos, que a situação atual do sistema carcerário brasileiro se apresenta num estágio que exige atenção, onde o

---

<sup>3</sup> Essa medida permite a comparação entre locais com variados tipos de tamanho de população, anulando o impacto do crescimento populacional, permitindo assim a comparação a médio e longo prazo conforme apresenta o relatório.

crescimento no número de presos é contínuo e a situação que alguns presídios apresentam são precárias, o que pode ser um fator que influencia no número de reincidentes.

Em relação ao perfil do preso, segue sendo a maioria dos presos os jovens entre 18 e 29 anos, negros e sem escolaridade. Para Gomes (2014) “essa situação permanece, pois não são apresentadas políticas públicas eficazes de inserção do jovem na atual sociedade [...] economiza-se em escolas para construir presídios.” Nota-se, portanto, a falta de investimento na educação como uma das principais causas para o resultado desse perfil do preso brasileiro.

Nessa situação delicada encontra-se também o Presídio Evaristo de Moraes (PEM) – citado ao início – que apresenta superlotação, problemas relacionados a escassez de água e a falta de medicamentos, destacado entre os nove presídios visitados pela Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro (DPE-RJ) como o pior no ano de 2015 (NITAHARA, 2015). O PEM conhecido, popularmente, como Galpão da Quinta é um órgão da Secretaria de Administração Penitenciária. Uma instituição sem fins lucrativos que compõe o quadro do sistema prisional do Estado do Rio de Janeiro, encontra-se localizado especificamente no bairro de São Cristovão na cidade do Rio de Janeiro.

O PEM foi criado por volta do ano de 1962 e devido ao crescimento constante no número de presidiários passou a utilizar um galpão que era de domínio da Superintendência de Transportes do antigo Estado da Guanabara (SUTEG) para a alocação dos presos. Esse galpão ficava anexado ao Instituto Presídio Hélio Gomes (IPHG) e também dependia de sua assistência, sendo então denominado Estabelecimento Penal Evaristo de Moraes e constituía uma dependência da Secretaria de Segurança. Após melhoria em sua estrutura, o galpão passou a denominar-se através do decreto nº 3816 de 28 de abril de 1970 de Instituto Presídio Evaristo de Moraes. Separou-se então do IPHG e passou a ter uma estrutura administrativa autônoma. Sendo chamado atualmente somente de Presídio Evaristo de Moraes.

O presídio custodia presos, tendo como objetivo a preservação da integridade física e psicológica dos mesmos, como também promover meios para a ressocialização. Os internos que cumprem pena no PHM são somente do sexo masculino, não tem facções ou são dissidentes de outras facções. Grande parte cometeu crimes contra os costumes, atual crime contra a dignidade e liberdade sexual, ou seja, estupro, atentado violento ao pudor, assédio sexual, etc, de acordo com a lei 12.015, de 7 de agosto de 2009. O efetivo carcerário é composto por internos que vieram de outras unidades prisionais após análise de perfil, realizado pela Divisão de Registro e Movimentação Carcerária (DRMEC).

Segundo o recibo de cadastro de inspeção do mês de setembro de 2015 que é gerado através do Relatório Mensal do Cadastro Nacional de Inspeções nos Estabelecimentos Penais (CNIEP), o presídio tem sua capacidade projetada para atender 1430 internos, porém a lotação atual é de 1859 internos. São 942 presos provisórios e 917 presos em cumprimento de pena no regime fechado, contribuindo então para a realidade brasileira de presídios lotados.

O PEM se encontra em uma área de aproximadamente doze mil metros quadrados, onde divide-se em 4 prédios. Seu quadro de funcionários é misto, composto de servidores públicos da Secretaria de Administração Penitenciária (SEAP) e outros órgãos Estaduais, terceirizados, contratados e os próprios presos que trabalham em troca da diminuição de pena. Conta atualmente com 79 agentes penitenciários segundo dados do recibo de cadastro de inspeção. Por ser subordinado a uma administração direta, Estatal, o PEM não tem verba própria, sendo seus serviços e produtos contratados diretamente pela SEAP através de licitações.



## 4 REPRESENTAÇÃO E MEMÓRIA

Os indivíduos atribuem diversos significados para determinadas situações, seja para ambientes, pessoas, objetos. A partir desse ponto passam a fazer representações sobre determinados aspectos que interagem ou que façam parte conforme interpretação própria. John (2004, p. 20) destaca que representações estão ligadas diretamente com o social, ou seja, o indivíduo representa um aspecto de acordo com sua experiência de vida. Sendo essa formada através de sua interação com seus grupos sociais, através de sua cultura, de sua crença. Percebe-se, então, que a representação individual parte da interação que determinado indivíduo teve/tem com seus respectivos grupos de socialização, ademais, com o coletivo.

Sendo assim, ocorre conexão constante com acontecimentos já vivenciados quando se representa algo. Na realidade, o que representado é resultado de aspectos que fazem parte do indivíduo ao longo de sua trajetória, assim “as representações nos são impostas, transmitidas para nós a partir de uma sequência de elaborações e mudanças que ocorrem ao longo do tempo e de sucessivas gerações.” (MOSCOVICI, 2003 apud JOHN, 2004, p. 22).

Nesse contexto surge também a memória social, que é definida por Jedlowski (2005, p. 31 apud VALENTIM; TRINDADE, 2011, p. 63) como “um conjunto de representações relativas ao passado que cada grupo produz, institucionaliza, cuida e transmite por meio de interação de seus membros”. Desta forma, pode se dizer que as representações que são feitas no presente, se remetem, muitas vezes, a memória de acontecimentos passados na hora de serem expostas, sendo elas o resultado de interações com determinados grupos, e nesse âmbito destaca-se, também, a memória coletiva.

Ao analisar a ideia de memória coletiva é possível entender mais claramente a forma como as representações variam de indivíduo para indivíduo e o motivo dessa variação. Quando Halbwachs (1990, p. 16) expõe o exemplo que ao chegar em Londres ele passeia com um arquiteto, depois com um pintor, mais tarde com um comerciante e com cada um ele vê a cidade de uma forma diferente. Reparando com um a forma das construções, com outro as fachadas e com o último as variadas lojas respectivamente, é possível interpretar que conforme determinada interação que ele estabelece a representação de um ambiente, de um objeto ou alguém é diferente.

É possível destacar, portanto, a influência do grupo social ao qual a pessoa está ligada, onde esse acaba moldando a forma como o indivíduo passa a fazer as representações em

determinados contextos em que este se encontra inserido. Abric (2001 apud JOHN, 2004, p. 21) define de forma simples a representação como “um conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e informações referentes a um objeto ou a uma situação”. Portanto, uma questão a ser observada em grupos como os dos presidiários, são as formas como os mesmos são influenciados pelo ambiente ao qual convivem na hora em que fazem suas novas representações a respeito da conjuntura vivenciada no momento.

De acordo ao apresentado anteriormente, as representações feitas por um indivíduo são construídas com base em suas relações com seus grupos sociais, com suas memórias consolidadas. Sendo assim, um ambiente hostil como os presídios, onde as relações sociais muitas das vezes não são saudáveis - conforme panorama apresentado -, é possível a ocorrência de grande influência nas representações dos presos, e presumível uma mudança no modo como suas representações eram feitas antes de ingressarem nas prisões.

As representações feitas a todo o momento pelos indivíduos no presente, acabam, portanto, remexendo e reconfigurando suas memórias a todo instante. Ocorre um processo constante de influências e absorções de discursos e também de determinados contextos por parte dos indivíduos. Jedlowski (2001 apud VALENTIM; TRINDADE, 2011, p. 5) aponta que as representações realizadas constantemente têm ligação com a memória do indivíduo, e esse passado, frequentemente, filtrado e reestruturado acaba nunca retornando o mesmo quando reavivado, visto que a “memória consultada” é moldada de acordo com as necessidades do presente.

O que de fato acontece nas representações são, segundo Valentim e Trindade (2011), atuações constantes do passado e do presente, onde os acontecimentos do passado acabam interferindo interpretações e reconhecimentos do hoje e o presente remodela o passado conforme as relações e contextos atuais, utilizando o passado para recuperar o que realmente irá agregar ponto positivo ao seu futuro, e deixando ao esquecimento o que se julga necessário, assim ocorre uma seleção do que se vê como importante.

Pensando então mais especificamente no contexto dos encarcerados, dentro do espaço prisional, eles ainda terão grande influência de seus respectivos passados, ou seja, de suas relações e vida antes de ingressarem nos presídios. Porém, o acontecimento presente em sua vida, o encarceramento em si, acaba remodelando o passado, onde os traços da vida “antes encarceramento” sofrerá nuances no lembrar, ressaltando os pontos positivos de acontecimentos já concretos - as memórias consolidadas -, que são aproveitados e colocados

em prática. Se o ato de narrar e lembrar experiências se remete a um passado vivenciado, não se pode desconsiderar que o momento presente também é definidor das formas do lembrar.

E, nesse caso, portanto, muitas das vezes o passado poderá ser lembrado com um carinho maior, um saudosismo da “vida boa” antes do encarceramento. Tendo como ponto crucial a situação de vivência nos presídios no presente, que acontece de modo precário. O discurso então se molda, procurando ter um conforto no passado devido as circunstâncias momentâneas.

## 5 BIBLIOTECA PRISIONAL

Quando o assunto é biblioteca prisional podem ser destacados os mais diversos preconceitos que surgem da relação com o contexto ao qual essa biblioteca está inserida, os presídios. Os presídios, na sociedade, via de regra, são espaços que carregam uma imagem negativa que prevalece perante à sociedade. Soma-se a isso o estado do sistema carcerário brasileiro e o preconceito junto a falta de conhecimento a respeito do propósito dos presídios (de ressocialização do indivíduo preso e inserção do mesmo de volta a convivência com a sociedade).

Os espaços prisionais, muitas vezes, enfrentam dificuldade no oferecimento de suprimentos básicos de sobrevivência, conforme já exposto anteriormente. A carência do que se entende como básico (comida, água, banheiro, cama, etc) para sobrevivência, acaba mostrando a grande precariedade na estrutura de alguns presídios - como exemplo o presídio Evaristo de Moraes -, e isso, conseqüentemente, acaba afetando negativamente o papel a ser desenvolvido pela biblioteca prisional. Visto que, antes dos serviços que uma biblioteca prisional tem a oferecer, é necessário, primeiramente, uma boa condição de vida básica, para que, assim, as atividades propostas pelo bibliotecário atuante na biblioteca prisional venham a ter um efeito positivo na vida dos internos.

Os problemas nos presídios vêm acontecendo ao longo dos anos, e vem tornando-se pior com o passar do tempo. “Do jeito que as cadeias brasileiras estão - lotadas, sem controle do poder público e entregues ao domínio do crime organizado -, não resta dúvida, dali ninguém sai melhor, só pior” (BARROCAL, c2015). Assim, com essa imagem que vem sendo fortificada de presídios que ressocializam muitos poucos indivíduos, presos que vão e voltam para a prisão, pode-se inserir a existência da biblioteca prisional e de seu grande potencial social, que pode vir a ser desenvolvido dada a devida importância a esse espaço. Ajudando, portanto, na ressocialização.

Sob o aspecto da biblioteca prisional, nota-se que grande parte da sociedade acaba desacreditando da ressocialização dos presos – sendo a biblioteca um instrumento de ressocialização acaba sendo desacreditada do mesmo modo -, devido, principalmente, as informações constantes da taxa de reincidência no Brasil, de indivíduos que estão sendo presos pela segunda, terceira, ou quarta vez. Conforme dito, anteriormente, em 2011,

verificou-se uma taxa de reincidência alta, na qual 7 a cada 10 presos voltam a cometer crimes (ÍNDICE..., 2011).

É perceptível a pouca incidência de discussão em relação ao tema biblioteca prisional na literatura do campo de estudos da informação em nível nacional, especialmente se comparado aos estudos empreendidos em outros tipos de bibliotecas. Tal constatação pode ser confirmada em buscas realizadas nas principais bases de dados do campo. Em pesquisa realizada com o tema “Biblioteca pública” na busca da Base de dados referencial de artigos de periódicos em ciência da informação (Brapci), teve-se como resultado 479 artigos. Quando a busca é realizada com o termo “Biblioteca universitária”, são recuperados 337 artigos. Contudo, quando a pesquisa é voltada para o termo “Biblioteca prisional” recupera-se somente 1 artigo, de título “Bibliotecas prisionais enquanto espaços para o acesso à informação e a Cidadania” dos autores Epitacio Gomes Silva Neto e Francisca Chagas Dias Leite. A partir desses resultados tornou-se perceptível a grande diferença na variação de materiais existentes a respeito dos três tipos de bibliotecas, e assim serviram para elucidar o quanto a biblioteca prisional ainda é pouco discutida em relação as outras.

Para John (2004, p. 55) não se encontra nem registros de espaços físicos que venham a ser destinados como espaços de leitura nos presídios do Brasil, sendo mais difícil ainda encontrar uma biblioteca em pleno funcionamento. No entanto, apesar da dificuldade em encontrar bibliotecas ou espaços de leitura dentro dos presídios brasileiros, esses ambientes existem e podem ser encontrados, apesar de, muitas vezes, apresentarem espaços inadequados para os serviços propostos pela biblioteca.

As questões que gravitam em torno da temática “bibliotecas de prisão”, na literatura do campo de estudos da informação, começou a ser mais debatido quando a leitura passou a ser vista como suporte na ressocialização dos reclusos a partir do ano de 1870 no Congresso Nacional de Prisões, realizado em Cincinatti, nos Estados Unidos (PEREZ PULIDO, 1997, p. 40). As primeiras normas para as bibliotecas de prisão surgiram no início do século XX, lançadas pela *American Library Association* (ALA). Mais tarde no ano de 1985, em congresso realizado pela *International Federation of Library Association* (IFLA) criou-se um grupo denominado *Working Group for Library Services to Prisoners* com o objetivo de criar normas internacionais para os serviços de bibliotecas de prisão. Essas normas foram finalizadas somente em 1991 (PEREZ PULIDO, 1997, p. 41).

Também, em 1985, a Unesco deu início a um “projeto de investigação e promoção da educação básica nos estabelecimentos penitenciários” (JOHN, 2004, p. 56), que resultou na criação de um manual que analisa formas de abordar os problemas de educação nas prisões e como alguns países se dão com esse assunto. Observa-se, então, que apesar do escasso debate no Brasil quando o assunto é biblioteca prisional, já existem normas e discussões que auxiliam no desenvolvimento dos bibliotecários e bibliotecas desses ambientes em outros locais, apontados anteriormente.

No Brasil existe a Lei 7210 de 1984, de execução penal que diz respeito aos direitos e deveres do preso e também aos critérios para uma correta aplicação da sanção penal. Nela encontra-se a obrigatoriedade de uma biblioteca em todos os presídios (BRASIL, 1984).

Conforme o artigo 21 dessa Lei, que reconhece o preso como sujeito de direitos e avoca para si os princípios e regras relacionados à execução das penas e das medidas de segurança no Brasil, “em atendimento às condições locais, dotar-se-á cada estabelecimento de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e didáticos.” (BRASIL, 1984). No artigo 25, da mesma lei, é apresentado que “o estabelecimento penal federal disporá de biblioteca para uso geral dos presos, provida de livros de literatura nacional e estrangeira, técnicos, inclusive jurídicos, didáticos e recreativos.” (BRASIL, 1984) e bcomplementa que “o estabelecimento penal federal poderá, por meio dos órgãos competentes, promover convênios com órgãos ou entidades, públicos ou particulares, visando à doação por estes entes de livros ou programas de bibliotecas volantes para ampliação de sua biblioteca.” (BRASIL, 1984).

Sendo assim, a biblioteca prisional deveria estar inserida dentro dos presídios, segundo as leis, desempenhando um papel importante nesse ambiente ao qual está submetida. Ao analisar a Lei citada, percebe-se a biblioteca somente como provedora de um material físico, exclusiva ao fornecimento de livros. No entanto, cabe aqui ressaltar que uma biblioteca prisional, a partir do exercício profissional de um bibliotecário, pode vir a desempenhar inúmeras atividades e assim servir como apoio na ressocialização do recluso, onde o profissional que dela faz parte poderá realizar o papel de agente educador como uma de suas funções.

Para a autora Pérez Pulido (2007), os serviços do profissional bibliotecário na prisão aparecem como apoio as atividades educativas desempenhadas, tendo como convicção que a

leitura desenvolve a personalidade do recluso. Nesse segmento torna-se possível entender o conceito e a função de uma biblioteca prisional.

O objetivo fundamental de uma biblioteca de prisão consiste em satisfazer as necessidades educativas, recreativas e informativas dos reclusos, que é dizer, a biblioteca a de servir de apoio a educação regulamentada, aos programas de reabilitação, a aprendizagem independente e ao estudo em geral, deve ser um lugar de retiro e independência, oferecer leitura e atividades para o ócio, deve converter-se em um centro de informação a comunidade sobre o exterior, e um centro para formação e informação do pessoal, um serviço para consulta sobre os materiais relacionados com seu trabalho. (PÉREZ PULIDO, 2007, p. 73-74, tradução nossa).

Observa-se, portanto, a função de apoio a ressocialização que uma biblioteca prisional pode desempenhar a partir do desempenho de um profissional bibliotecário, o qual irá atuar desenvolvendo atividades que auxiliem os internos a ampliar seus conhecimentos, seja através da arte, lazer, leitura, escrita, etc. O profissional atuante nesses espaços deve desempenhar um papel social no acompanhamento das atividades desenvolvidas junto aos reclusos, visto que na maioria das vezes irá se deparar com indivíduos com pouca ou sem nenhuma instrução, e que muitas vezes absorvem traços negativos ao ingressarem nesses ambientes devido ao atual estado, que só fazem piorar a situação.

Maeyer (2013, p. 46), ao falar sobre o papel do bibliotecário nesse contexto, relata que “é preciso acompanhar a leitura, mas sobretudo o leitor em suas hesitações, seu medo de não entender o essencial do texto, de ser ridículo ou vergonhoso mostrar seu analfabetismo, sua vontade de começar uma atividade que não é de ‘seu feitio’”. Portanto, atenta-se a necessidade de um profissional que faça tais atividades da biblioteca prisional funcionarem, atividades de mudança social, de apoio informacional, de acesso cultural, onde os reclusos sintam-se à vontade. Nesse cenário destaca-se como uma das principais atividades do bibliotecário a biblioterapia, sendo a realização de tratamento através da leitura.

A biblioterapia é aplicável em variados ambientes e áreas, como hospitais, na Psiquiatria, na área de educação, em espaços de reclusão e sua utilidade se altera de acordo ao contexto inserido. Conforme relata Alves (1982, p. 57), na medicina o livro pode ser útil como fonte de recreação para pessoas hospitalizadas, já na psiquiatria serve de apoio as pessoas com dificuldades na comunicação, e na educação serve para auxiliar jovens com problemas familiares ou comportamentais.

Ainda se reportando à Alves (1982, p. 56), ela explica que “a aplicação da biblioterapia não está limitada ao livro tão somente [...] utiliza também material audiovisual, assim como a leitura propriamente dita, a capacidade literária dos pacientes, ou qualquer outro tipo de documento”. Sendo assim é notável os pontos positivos que a biblioterapia pode trazer ao ser aplicada nas prisões, podendo auxiliar na mudança comportamental do recluso, desenvolver seu vocabulário, sua comunicação, e fazer com que o mesmo se identifique com situações vividas por ele, tornando-o assim mais próximo da sociedade.

A “biblioterapia é um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a leitura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo.” (SHRODES, 1943 apud SOUSA; SANTOS; RAMOS; 2013, p. 6). Portanto, o papel de agente ressocializador que o bibliotecário venha a praticar nos espaços prisionais, pode vir a ser desenvolvido através do processo da leitura, da escrita, da conversa em grupos para exposição de pontos de vista, de atividades recreativas em geral. Se vê significativo destacar os espaços físicos da biblioteca prisional nesse contexto, por mais que esse espaço não venha a ser grande destaque ao falarmos do ponto de vista arquitetônico, ele poderá proporcionar um mínimo de conforto, pois irá se diferir da realidade das celas, proporcionando aos internos espaços diferentes, contatos diferentes e mais humanização.

Um outro ponto observado a respeito da biblioteca prisional é a variação que ocorre em relação a sua conceituação. Essa variação é percebida, visto que alguns autores, dicionários e glossários da área estabelecem a biblioteca prisional como uma biblioteca especializada, enquanto outros compreendem esse tipo de biblioteca como sendo uma biblioteca especial.

Entende-se que para um melhor entendimento da função proposta e esperada da biblioteca prisional é importante destacar essa diferença que cerca os dois conceitos e assim apresentar o mais adequado. Fonseca (2007, p. 53), autor de grande referência para Biblioteconomia no Brasil, a biblioteca especializada refere-se à especificidade do acervo como também para os tipos de usuários, onde o autor inclui os prisioneiros. Portanto nessa conceituação a biblioteca especializada se caracteriza conforme especificidade de seu acervo como também a singularidade de seus usuários.

Outro conceito que vai de encontro ao de Fonseca é a definição dada pelo Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia, porém trata o termo biblioteca especializada e especial como se ambas tivessem o mesmo significado. Onde “a Biblioteca Especializada é aquela que



foca em alguma área ou público específico, também chamada de biblioteca especial. Entre os exemplos de biblioteca especializada, destacam-se as bibliotecas jurídicas e de centros de pesquisa.” (CUNHA; CAVALCANTI 2008).

O Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) (c2015) usa o termo biblioteca especial como um componente da biblioteca especializada, designando essa última como uma biblioteca “voltada a um campo específico do conhecimento. Seu acervo e seus serviços atendem às necessidades de informação e pesquisas de usuários interessados em uma ou mais áreas específicas do conhecimento”. E ao definir biblioteca especial, relata que são aquelas que atendem a um público com necessidades especiais, não descrevendo o que vem a ser essa necessidade especial, se são pessoas com necessidade de apoio diferenciado por conta de uma deficiência física ou psicológica, por exemplo.

A descrição utilizada pela *American Library Association* (ALA) para denominar biblioteca especial traz a ideia de uma biblioteca especializada em áreas de interesse como também em públicos específicos, onde as mesmas “oferecem oportunidades únicas de trabalho em ambientes especializados como empresas, hospitais, forças armadas[...]. Bibliotecas especiais podem servir a públicos específicos como cegos e deficientes físicos.” (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, c2015, tradução nossa).

Para Zattar (2011,) a biblioteca especializada organiza as informações de um determinado assunto que seja de interesse da instituição e a biblioteca especial se direciona para atender um tipo de leitor especial. Essa definição se alinha em certa parte com a utilizada pelo *Online Computer Library Center* (OCLC, c2015) ao definir a biblioteca especial, relatando que “suas coleções são frequentemente muito voltadas para uma área de interesse em apoio a uma base de usuários específica”.

Após a exposição das variadas conceituações percebe-se grande diferença na proposta desses dois tipos de biblioteca. Uma tem seu foco na especialização do acervo e atendimento - a biblioteca especializada-, em uma área específica do conhecimento, como história, geografia ou em um assunto como energia nuclear por exemplo. Já a outra na necessidade “especial” do usuário, ou seja, uma biblioteca para público diferenciado, seja para os privados de liberdade, os deficientes visuais ou indivíduos com algum problema psicológico que necessitam de um acompanhamento e atendimento diferenciado. Sendo, portanto, o conceito de biblioteca especial, o mais adequado para bibliotecas localizadas em estabelecimentos prisionais.

## 5.1 BIBLIOTECA PRISIONAL E SUAS CARACTERÍSTICAS COMUNITÁRIAS

Não é uma tarefa fácil encontrar espaços nos presídios que podem ser chamados de biblioteca. Portanto, encontrar bibliotecas prisionais atuantes que de fato auxiliem na ressocialização dos internos é algo ainda escasso no Brasil, a dificuldade (ou escassez) também aparece quando pretende-se encontrar bibliotecários que atuem em presídios. Basta pensar, se não existe um espaço físico denominado biblioteca, imagina a existência de um bibliotecário.

No caso específico da biblioteca do presídio Evaristo de Moraes o que se pode observar é uma biblioteca que apresenta traços de uma biblioteca comunitária, onde os internos auxiliam na manutenção do acervo, no oferecimento dos serviços e também ao mesmo tempo fazem uso dos serviços que a biblioteca oferece. Ocorre, portanto, um trabalho em conjunto, ou o que se pode chamar de uma troca benéfica para o profissional que gerencia a biblioteca e o seu usuário, que nesse caso, são os presos.

Essa troca observada, em que partes ocorrem a partir de uma atuação direta dos internos nos serviços da biblioteca prisional, pode ser destacada positivamente, salientando sempre a necessidade de um profissional bibliotecário, que de fato acredite na função da biblioteca na qual ele atua. Acreditando também em “si mesmo, ver que cada membro de sua comunidade está esperando o que você pode fazer por ele. É preciso encará-lo como um parceiro, como um membro, e não como usuário, cliente ou outros termos sinônimos.” (LANKES, 2012).

O trabalho conjunto do bibliotecário e do interno deve ser levado como ponto importante, portanto. Primeiramente que o profissional ali atuante passa a ter pessoas para ajudar no desenvolvimento do trabalho, seja para a guarda de livros na estante, realização de empréstimos ou auxílio no desenvolvimento de atividades dentro da biblioteca. Em segundo e não menos importante, o exercício de uma atividade como está nos espaços prisionais se configura como ponto positivo no processo de reestruturação do ser humano, pois o mesmo tem a possibilidade de conhecer e aprender uma nova função que pode alimentar um desejo de mudança através da atividade exercida e também se destaca como ocupação do tempo ocioso.

Essa atuação do interno diretamente junto com o bibliotecário traça alguns pontos de biblioteca comunitária nesse contexto. As bibliotecas comunitárias “surgem como práticas espontâneas, idealizadas e implementadas por agentes individuais ou coletivos; cidadãos

comuns, com ou sem instrução formal, com ou sem apoio institucional” (MACHADO, 2008, p. 49). Portanto, elas dependem da comunidade que a cercam para os serviços funcionarem. Nesse sentido é possível verificar que a biblioteca prisional do PEM se alinha a descrição de uma biblioteca comunitária, em partes, sendo essa linha de pensamento ainda mais reforçada quando verificou-se que os próprios internos desenvolveram sistemas de empréstimos dos livros que compõem o acervo, inserindo nas fichas dos livros que foram emprestados os respectivos números das celas dos internos que pegaram os livros por empréstimo. A biblioteca do PEM apesar de não surgir de práticas espontâneas, conforme as comunitárias, necessitam dos internos para o funcionamento ideal.

Percebe-se, então, nesse contexto como os internos fazem os serviços da biblioteca funcionarem, onde essa só sobrevive em grande parte a partir da própria comunidade atuante, nesse caso, os internos. Ressaltasse, no entanto, as especificidades que podem existir em cada biblioteca prisional, e possíveis diferenças na gestão de uma biblioteca para outra. Em algumas, por exemplo, a gestão da biblioteca pode vir a ser restrita a somente um funcionário específico do presídio. No entanto, quando se leva em conta a proposta da biblioteca prisional, percebe-se o quanto pode ser positivo para a ressocialização dos internos o comprometimento com um projeto de auxílio ao gerenciamento de um espaço cultural como uma biblioteca.

Um trabalho coletivo semelhante ao que acontece nas bibliotecas comunitárias pode trazer mais uma atividade para dentro do espaço prisional, um desenvolvimento na convivência dos internos e um acesso mais direto às informações. E assim como “pode-se pensar a Biblioteca Comunitária como uma alternativa à exclusão social, à desigualdade e às injustiças sofridas por dado grupo social” (BLANK; SARMENTO, 2010, p. 2), pode-se também pensar a biblioteca prisional como uma fonte de acesso à cultura, lazer e criação de identidade dos internos, de modo que auxiliem os mesmos na superação da exclusão social e em seus processos de ressocialização.

Outro ponto que os dois tipos de bibliotecas têm em comum e que de certo modo fortalece ainda mais suas semelhanças é a composição do acervo e também a continuidade do trabalho que é realizado. Sendo esse um assunto complexo por conta da dificuldade que se apresenta devido à falta de uma quantidade de profissionais qualificados –conforme apontado anteriormente- para a realização da seleção dos materiais que irão compor o acervo e também para dar continuidade aos serviços prestados e projetos desenvolvidos em muitos casos. Em geral os acervos das bibliotecas comunitárias são compostos em sua grande maioria por

doações (BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011, p. 5), assim como o acervo das bibliotecas prisionais – em específico a do PEM - que se formam por meio de doações dos familiares dos internos em sua maioria e também dos funcionários.

Em relação ao direcionamento de seus serviços, a biblioteca comunitária “direciona suas ações para usuários em situação de exclusão social, tais como desempregados, **presidiários**, imigrantes que não falam a língua nativa, moradores de rua ou sujeitos que vivem alguma situação de exclusão social” (SUAIDEN, 1995; STEELE, 2002; CHEUNWATTANA, 2008; MACHADO, 2008 apud BASTOS; ALMEIDA; ROMÃO, 2011, p. 3, grifo nosso), mas não somente. A biblioteca prisional também direciona suas ações para um público excluído socialmente, conforme dito anteriormente, porém um público mais específico, e ambas bibliotecas podem ser vistas como um subsídio no apoio cultural, ressocializador, informal, entre outras, para o público ao qual se direcionam. Em determinados momentos, portanto, é perceptível o quanto esses dois tipos bibliotecas se mesclam através de seus propósitos, dificuldades e atividades.

É importante ressaltar que ambas bibliotecas desenvolvem um papel social no contexto ao qual estão inseridas, sendo esse papel, na maioria das vezes, de auxílio aos grupos mais excluídos ou necessitados da sociedade, mas não somente, ressalta-se que no caso da biblioteca comunitária muitos grupos montam esses espaços com o propósito de guarda da memória e não sendo, portanto, excluídos ou necessitados.

No atual momento, essas semelhanças levantadas podem ter um efeito positivo, principalmente, para a biblioteca prisional, haja visto que os dois tipos de bibliotecas acabam passando por dificuldades semelhantes. Porém o tema de maior interesse de pesquisa é a biblioteca comunitária, conseqüentemente são gerados mais estudos e soluções de mudanças para esse campo, que pode vir a servir como base para o desenvolvimento da biblioteca prisional, já que o interesse de pesquisa por essa ainda é pequeno comparado a biblioteca comunitária e ambas passam por dificuldades semelhantes em alguns pontos.

## 5.2 A ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO NA BIBLIOTECA PRISIONAL

A formação do bibliotecário o fornece rico embasamento técnico, que lhe propicia uma base na hora de organizar a informação com técnicas que o permitem catalogar, indexar e classificar itens informacionais. Outra perspectiva da formação biblioteconômica é a

dimensão social. Para Eiras (2007) a biblioteca prisional pode ser vista como um ambiente propício para o desenvolvimento e reforço do papel social do bibliotecário, de modo que em ambiente como esse as práticas sociais passam a ser exercidas todo o tempo.

Há alguns anos que se destaca na profissão do bibliotecário a importância do lado social, da atenção a ser dada ao ser humano que interage com o profissional, porém “não são todos os profissionais que têm vocação ou são preparados para trabalhar com os excluídos” (BAPTISTA, 2006, p. 26). A atuação do bibliotecário em bibliotecas prisionais já apresenta, portanto, sua primeira dificuldade, ou desafio, visto a necessidade de pontos importantes na personalidade da pessoa em si que irá atuar nesses ambientes, pontos esses que muitas das vezes são desenvolvidos ao longo da vida através de determinadas experiências.

Na realidade as características esperadas do bibliotecário que atua na biblioteca prisional não são diferentes das do profissional que irá atuar em outro nicho do mercado. Visto que todos bibliotecários deveriam ter um cunho social e assim teriam mais facilidade em trabalhar com excluídos. “Os bibliotecários são mediadores de informação e conhecimento e se não possuem uma vontade inata de auxílio e ajuda, então podem não estar na profissão certa” (EIRAS, 2007, p. 5). Baptista (2006) aponta que se vê dificuldade em colocar o lado social em primeiro plano devido ao retorno em relação a remuneração e, também, pelo fato de poucos se importarem em passar algo bom para o próximo, de modo que os auxiliem positivamente. Ainda se reportando a Baptista (2006, p. 26), falta também investimento do Estado, de forma que instaure políticas sérias que auxiliem o trabalho bibliotecário em comunidades carentes, e também excluídas.

Outro desafio que se aponta para um bibliotecário que irá atuar em uma biblioteca prisional, é a necessidade de retirar a imagem da biblioteca como somente um local para livros, ou um local de livros, onde o centro da biblioteca são os livros, basicamente um depósito. Lankes (2012) ao analisar as leis de Ranganathan no contexto atual destaca que as bibliotecas têm como centro, a comunidade, e não os livros. Complementa ao longo de seu trabalho destacando “que, se você pensar em uma biblioteca como um monte de livros dentro de um prédio (pior ainda, se este alguém for um bibliotecário) está na hora de acreditar MUITO MAIS no potencial de uma biblioteca”.

Acaba-se, portanto, entrando novamente no antigo paradigma da profissão que acaba gerando resquícios até os dias de hoje, e que foi citado anteriormente, onde a atenção era

voltada totalmente para a parte técnica, aos documentos, ou simplesmente os livros, enquanto os usuários foram sendo deixados de lado.

É importante debater sobre esse antigo paradigma, visto que essa visão acaba prejudicando indiretamente todas as atividades esperadas de um bibliotecário atuante em uma biblioteca prisional, e não só nela, como também nas demais. Conforme dito ao longo do trabalho, esse profissional atuará como um agente educador nesse contexto, utilizando-se do espaço proporcionado pela biblioteca para desenvolver variadas atividades que irão auxiliar os internos em seus processos de ressocialização, portanto, todas as atividades e serviços propostos terão como base de montagem o ser humano.

Assim, entende-se que o livro é um dos materiais utilizados pelo bibliotecário nas atividades desempenhadas na biblioteca prisional. Talvez seja o mais importante, porém não se pode somente crer que uma biblioteca “fornece” apenas livros. O que se espera de um bibliotecário que atua em uma biblioteca prisional – e coloca-se aqui também a biblioteca comunitária - por exemplo, é uma atuação direta, desenvolvendo atividades culturais, educacionais e artísticas. Entende-se que um livro sozinho, sem uma proposta em cima do seu uso, irá dar início a um processo de mudança, porém será um processo demorado.

Acaba ocorrendo que muito se olha para os livros e para as bibliotecas que os guardam em determinados contextos, como se todos que utilizam ambos já tem um conhecimento prévio a respeito do uso e também dos seus serviços. “As bibliotecas públicas e escolares veem a promoção e a expansão da leitura como ferramentas de seus objetivos; bibliotecas empresariais e universitárias pressupõem que as pessoas que elas atendem já possuem o hábito pela leitura” (LANKES, 2012). Verifica-se, deste modo, que as bibliotecas públicas e escolares veem a leitura – e conseqüentemente o livro – como ferramentas de seus propósitos, diferentemente das bibliotecas empresariais e universitárias que não colocam o procedimento da leitura e também o fomento a ela em primeiro plano, já que seus usuários são classificados como alfabetizados e instruídos.

O que, portanto, deve ser levado em consideração nesse contexto, é a atenção a ser dada aos variados tipos de usuários e suas inúmeras especificidades. Não deixando propagar a concepção de que usuários já sabem sempre o que estão procurando e conseqüentemente a ideia de não haver a necessidade de desenvolvimento de atividades e também de um acompanhamento aos indivíduos que fazem uso da biblioteca.

Destaca-se esse quadro, pois o profissional que venha a atuar em uma biblioteca prisional – e nas demais também - deve entender esse contexto de cada biblioteca seu usuário, e assim perceber que seu papel naquele ambiente é essencial, onde de acordo com Lankes (2012) “alguns aprendem lendo, outros vendo, outros fazendo; mas a maioria aprende com a combinação destes verbos. Devemos esperar que as bibliotecas ofereçam todas estas modalidades de aprendizado”.

Assim sendo, o que se espera do profissional da informação atuante na biblioteca prisional é desenvolver junto aos internos, variadas atividades educacionais, culturais e artísticas por exemplo. De modo que estas atividades contribuam para que os internos se sintam humanizados, seja através de uma roda de leitura, de poesias, de escrita, de pintura, de conversas sobre um determinado tema pré-escolhido, de meditação ou apenas utilização do espaço para uma vivência diferente do espaço do dia-a-dia, para afastamento do ócio.

Deste modo o profissional que irá atuar na biblioteca prisional não terá que desenvolver nenhuma habilidade específica, a formação do profissional bibliotecário já o capacita de forma que ele possa atuar no desenvolvimento das atividades sociais – ou assim deveria -. O que se diferencia é a sensibilidade em lidar com o ser humano, que irá variar de pessoa para pessoa, e assim alguns profissionais irão sentir mais facilidades que outros em lidar com o ser humano. O autor Eiras (2007) destaca que o profissional que atua numa biblioteca prisional terá mais chances de obter êxito em sua função caso apresente uma bagagem de conhecimento de áreas como a Psicologia, Sociologia e Serviço Social.

O bibliotecário deve crer que a biblioteca a qual ele atua pode se moldar a necessidade do ambiente que está atuando, trazendo os usuários para perto de si, além de não levar a palavra usuário ao pé da letra, fazer com que os indivíduos que usam a biblioteca sejam vistos como membros, tratam-se, portanto, de agentes (LANKES, 2012), visto que estão juntos com o bibliotecário participando de um processo de mudança nos variados contextos de vida que estão ligados a esse ambiente.

Nesse sentido, no âmbito da biblioteca prisional, trata-se de um fortalecimento da atuação conjunta do bibliotecário e do interno. Destaca-se que apesar de essa troca entre usuário e bibliotecário ser saudável em qualquer contexto, num ambiente de encarceramento esse procedimento acaba ganhando maior destaque devido a situação em que o preso se encontra, onde o contato com um profissional capacitado para o auxílio da ressocialização

pode trazer saldos positivos, destacando nesse cenário principalmente o exercício do diálogo e a ocupação do tempo ocioso.

Assim, faz-se necessário entender por parte do bibliotecário a necessidade de fortalecimento constante de contato com o interno ali presente, acreditando então no poder social da biblioteca em que ele, bibliotecário, atua, ou seja, crer que realmente mudanças podem vir a ocorrer. Tendo como base o poder da conversa, conforme destacou Lankes (2012), apontando a necessidade de o bibliotecário saber ouvir e falar. Fortalecendo então os laços entre a biblioteca e o interno, de modo que esse possa se sentir confortável com todas as atividades que serão propostas afim de ajudar em seu processo de ressocialização.



## **6 AS REPRESENTAÇÕES FEITAS PELO PRESIDÁRIO A RESPEITO DA BIBLIOTECA PRISIONAL**

Para chegar até o ponto de obter a narrativa do interno e verificar a representação feita acerca da biblioteca prisional, levou-se em conta toda a base teórica construída ao longo do trabalho. O estudo tem como pergunta principal a ser respondida: quais as representações feitas pelo preso a respeito da biblioteca prisional? Para isso, tem-se como objetivo identificar as representações que os internos fazem da biblioteca. Assim, destacam-se nesse cenário o ato de representar, como também o ambiente de encarceramento da biblioteca prisional e o interno. As temáticas surgem como base do trabalho de forma a possibilitar o entendimento das representações feitas pelo interno entrevistado.

Antes da apresentação das representações do interno, é imprescindível relatar todos os obstáculos que apareceram no decorrer da elaboração do trabalho, especialmente até o contato com o preso acontecer.

Desde o início da proposta do estudo eram esperados variados obstáculos que poderiam vir a surgir no decorrer de todo o processo, pois o ambiente de pesquisa demanda determinadas especificidades, visto que se trata de um presídio. Contudo, apesar do ambiente prisional ser aberto para pesquisas, os impasses existentes impactaram, consideravelmente, no planejamento da pesquisa realizada e exigiu reconfigurações no processo.

O primeiro procedimento para realização das entrevistas junto aos presidiários, é entrar em contato com a Escola de Gestão Penitenciária (EGP), que faz parte do Serviço do Estado de Administração Penitenciária (SEAP). Na EGP é exigido que o pesquisador apresente um pré-projeto do trabalho a ser desenvolvido, contando com uma introdução do trabalho e os objetivos almejados de forma detalhada para que seja apontado o que se pretende realizar no espaço prisional, juntamente com toda documentação da instituição a qual o pesquisador está vinculado.

Após o envio de toda documentação solicitada é que a avaliação e o parecer ao pesquisador são elaborados, o que leva cerca de 45 a 60 dias para ser divulgada. Quando o pesquisador tem como interesse de pesquisa algum interno, a avaliação do processo é mais minuciosa, passando então por análise de um Juiz – o caso desse estudo. Em seguida a essa primeira etapa, a EGP comunica ao pesquisador a aprovação do projeto e a liberação da entrevista (caso a mesma seja aceita).

Após a liberação da documentação, o contato passa a ser feito diretamente com a unidade prisional a ser pesquisada, o que foi realizado depois de variadas tentativas via contato telefônico para a marcação da entrevista. Mesmo com o estabelecimento do contato direto com o responsável pela marcação da entrevista, a dificuldade continuou ocorrendo com os desencontros constantes, o que resultou no atraso dos prazos e na solicitação do reenvio da documentação para o PEM, apesar de toda documentação já ter sido enviada pela EGP assim que o processo de pesquisa foi aceito. Logo após ao novo envio da documentação a orientação dada foi de aguardar o contato através do e-mail ou telefone para a marcação do dia da entrevista. Com o avanço dos prazos, foram empreendidas novas tentativas de contato via telefone, e cerca de 6 meses após a abertura do processo de pesquisa uma data foi acertada para a realização da entrevista.

Chegando no dia, local e hora marcado para realização da entrevista, teve-se a informação que a entrevista não poderia ser realizada devido à falta de uma documentação que permitisse a entrada na biblioteca prisional. Somente naquele momento foi indicado que a biblioteca ali existente não pertencia ao PEM, e sim a Diretoria Especial de Unidades Prisionais e Socioeducativas (Diesp), da Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC) e, portanto, era necessária liberação do seguinte órgão.

Assim, conforme as novas orientações fornecidas ouve a necessidade de procurar a Diesp. Contudo, chegando ao local foi informado que esse não era o local para a abertura de processo e para esse procedimento era necessário ir até a SEEDUC, a qual informou que o procedimento demorava cerca de 60 dias.

A essa altura o tempo já havia se tornado curto, então a estratégia tomada – visto que a liberação para entrevistar os internos do PEM ainda estava “ativa” – foi de ir até o PEM e entrevistar o interno que trabalha cinco dias da semana na biblioteca prisional. E, após novo contato telefônico com o responsável pela marcação da entrevista no PEM, foi possível então marcar um novo dia, o qual ocorreu tudo conforme o planejado. O interno se mostrou solícito em toda a entrevista, ajudando no máximo possível com as perguntas feitas a ele, de modo que se sentiu à vontade em compartilhar um pouco de sua rotina.

Toda a entrevista ocorreu conforme o planejado, apesar da dificuldade esperada, principalmente pela proibição de qualquer tipo de material que pudesse registrar a entrevista, onde as representações feitas pelo interno deveriam ser recolhidas e registradas pelo esforço mnemônico para acesso as representações ditas num outro momento.

A execução da entrevista foi realizada com base em sete perguntas previamente estruturadas (conforme APÊNDICE A) com o propósito de entender como realmente o preso representa a biblioteca prisional em seu contexto.

As respostas obtidas foram de grande auxílio para contemplar o objetivo proposto neste trabalho. Destaca-se que o interno respondeu espontaneamente a entrevista e se mostrou solícito em todo percurso apresentado.

Buscou-se a diminuição da distância entre o entrevistador e o entrevistado de forma respeitosa, explicando primeiramente para o mesmo que se tratava de um trabalho de conclusão de curso em nível de graduação. Assim, foi indicado o objetivo da entrevista a respeito da biblioteca prisional de forma que o entrevistado não precisava se importar com a forma de resposta.

Apesar das sete perguntas construídas previamente, procurou-se não realizar uma entrevista estruturada, onde se adota o comportamento de pergunta e resposta. Para isso, buscou-se colocar as questões propostas no decorrer da conversa com o entrevistado. Esse procedimento facilitou todo o andamento da entrevista, visto que o entrevistado se sentiu à vontade para responder, sendo observada essa mudança no modo como o mesmo passou a se comportar na forma de falar no transcorrer da entrevista, contando alguns acontecimentos a respeito dos serviços da biblioteca pela sua própria vontade.

Então após uma pequena conversa de apresentação procurou-se indagar a primeira questão ao interno, procurando saber se o mesmo acha a biblioteca importante e por que. O interno respondeu que a biblioteca é muito importante ali no presídio, eles passam muito tempo sem fazer nada, e assim ter contato com algo diferente já se torna importante, dado que ocupa o tempo ocioso e faz com que aprendam ao mesmo tempo.

A segunda pergunta colocada dizia a respeito do uso da biblioteca, feita conforme a conversa acontecia, onde procurou saber se o interno usava a biblioteca, pois apesar do interno trabalhar no espaço da biblioteca não se tinha conhecimento se o mesmo fazia uso dela. Assim o preso respondeu que utiliza sim a biblioteca, sempre pega livros para ler em sua cela, que desse modo o ajuda a passar o dia mais rapidamente. Na sequência ele comentou que observava muito isso nos outros internos, que também pegavam livros constantemente e utilizavam com a proposta de “tirar” um pouco a cabeça do ambiente que eles estavam acostumados a ver todo o dia em suas rotinas.

Dando continuidade, foi perguntado ao entrevistado se o mesmo conhecia o bibliotecário que trabalhava na biblioteca. Em resposta ele explicou que o rapaz responsável pela biblioteca era um professor, que ia na biblioteca apenas dois dias na semana e organizava o serviço. E quando perguntado qual a organização era essa, o interno relatou que ele colocava etiqueta nos livros e os colocava no sistema. Consequentemente, procurou-se saber sobre o sistema citado, que, segundo palavras do entrevistado, era um sistema simples de computador, para controlar os empréstimos realizados, os livros que chegavam e também ajudar na organização do acervo.

O preso deu seguimento relatando que a biblioteca é toda informatizada, onde foi desenvolvido um sistema de empréstimo colocando o número da cela dos internos e seus respectivos nomes, onde eles realizam o empréstimo de 3 livros por até 7 dias. O interno adicionou que eles recebem bastante doação, sendo dessa forma montado o acervo da biblioteca, com as doações dos familiares dos internos e de outras pessoas externas também.

O interno então sentiu-se à vontade para falar das doações recebidas. Contando um caso das últimas doações recebidas, onde haviam recebido duas caixas de livros de familiares de um interno que são russos, e esses livros estavam na língua Russa. O professor responsável pela biblioteca levou todos os livros para trocar por livros na língua Portuguesa. Então aproveitando, foi perguntado que tipo de livros são esses que eles recebem, o interno explicou que são livros dos mais variados temas, e citou alguns como: religião, matemática, literatura e didáticos.

A próxima pergunta feita ao interno foi sobre a finalidade de uso do espaço da biblioteca. O interno esclareceu que atualmente ele e todos os outros que utilizam a biblioteca, vão até lá somente para pegar livros emprestados, pois os guardas não têm permitido que eles fiquem “perambulando” demais longe das celas. Completou explicando que antes eles até ficavam mais tempo no ambiente da biblioteca e podiam ler ali no próprio espaço.

Dando seguimento, foi perguntado se o interno usa algum serviço da biblioteca. O interno relatou que pega livros emprestados. Ao ser questionado se ele acha a biblioteca importante e por quê, o interno respondeu que acha não só muito importante para ele como também para todos que estão presos ali. Adicionou que “nem imaginaria o que seria deles sem aquele espaço”, pois pegavam livros que ajudava muito a passar o tempo, já que ficam com a cabeça meio vazia sem muito o que fazer e também porque a leitura “é leitura, ela faz crescer”. Ainda, adicionou que alguns consultam muitos livros didáticos, em especial os que

estudam na escola – Colégio Estadual Anacleto de Medeiros - a qual a biblioteca pertence e fica dentro do espaço do PEM.

Para finalizar a entrevista, pediu-se ao interno como último auxílio, para definir a biblioteca prisional com uma única palavra ou até frase caso ele achasse melhor. Após um curto espaço de tempo, onde ele nem precisou de muito para falar, a palavra dita foi “essencial”.

Aproveitou-se para pedir ao entrevistado para que ele descrevesse a biblioteca, e assim o interno disse que o espaço não era muito grande, mas também não era pequeno – fazendo gestos com mão -, sendo um espaço agradável, que fica bem organizado com os livros nas estantes, todos etiquetados.

Com toda essa exposição das representações feitas pelo interno, o que se destaca em primeiro instante é a total representação positiva feita pelo presidiário a respeito da biblioteca prisional do PEM. Em todas as questões abordadas – apresentadas anteriormente – com relação a biblioteca, observou-se o quanto aquele espaço é importante no atual contexto dos internos. Portanto em toda a conversa o interno mostrou certa satisfação com a biblioteca e relatou a necessidade desse ambiente em sua rotina e também na dos outros internos.

Para tentar entender esse tipo de representação positiva, é importante olhar para todo o contexto que cerca o encarcerado. Visto que todo “o processo de representar resulta em teorias do senso comum, elaboradas e partilhadas socialmente, ligadas a inserções específicas dentro de um conjunto de relações sociais, isto é, a grupos sociais [...]” (WAGNER, 1998, DOISE, 1985, ABRIC, 1998 apud WACHELKE, CAMARGO, 2007), sendo o grupo presente ao qual o interno estabelece uma relação composto principalmente de outros internos num contexto de encarceramento.

Assim, tendo como base a situação carcerária, em especial o PEM, com enormes problemas, principalmente na falta de estrutura, incluindo também a falta do básico para a sobrevivência referente a alimentação e que segundo Roberta Fraenkel (2015 apud NITAHARA, 2015) apresenta celas entupidas com águas até a canela e vários tipos de insetos; um espaço como a biblioteca que pode trazer uma válvula de acesso à cultura e ao lazer é esperado uma representação positiva. Entendendo deste modo que “as representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e à realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm” (JODELET, 1989a

apud SPINK, 1993). Assim compreende-se que as relações e ambientes acabam influenciando as representações.

É importante destacar que apesar do contexto, a representação positiva do interno em relação a biblioteca deve ser destacada não só colocando a frente o contexto do presídio, que se apresenta negativamente. Pois apesar das representações serem influenciadas pelas relações sociais e também pela realidade do ambiente, representações benéficas não seriam feitas se de fato a biblioteca prisional não estivesse apresentando um apoio ao contexto dos internos, ou simplesmente algo que eles considerem positivo. Evidenciando uma das falas do interno ao dizer que “não imagina o que seria deles sem aquilo dali”, – a biblioteca – é possível verificar o grau de importância dada a biblioteca prisional do PEM.

Dando sequência a fala do interno, destaca-se a palavra utilizada para descrever a biblioteca, sendo essa “essencial”. Fortificando ainda mais a importância da biblioteca nesse contexto. É significativo esclarecer que toda essa representação feita pelo interno que trabalha na biblioteca prisional se torna importante principalmente por dois pontos: O primeiro - dito ao início – é a posição que esse interno tem em relação aos demais, visto que trabalha na biblioteca e vivencia o uso da mesma diariamente, e assim conseqüentemente essa posição do interno traz a ele um modo de ver toda a utilidade da biblioteca de um modo diferenciado. O segundo, parte do ponto que toda a representação individual feita é derivada de uma representação coletiva.

Socialmente, as representações coletivas sintetizam o que os homens pensam sobre si mesmo e sobre a realidade que os cerca. É portanto, inicialmente, uma forma de conhecimento socialmente produzida. Resultado de esforço coletivo, elas emancipam-se das representações individuais, pautam novas ações e demonstram a existência da sociedade. As representações são *coletivas* e, portanto, não podem ser reduzidas aos indivíduos. (OLIVEIRA, 2012, p. 71)

Assim, esses dois pontos fortificam ainda mais as representações feitas pelo interno a respeito da biblioteca prisional. Visto que toda o processo de representação da biblioteca feito por ele está ligado ao coletivo que o cerca, ao grupo o qual ele acaba se relacionando, e nesse contexto estão os outros internos. Portanto essa forma de representação positiva pode ser derivada dos discursos dos demais encarcerados, das representações vindas de cada indivíduo, que o preso entrevistado acabou colocando em seu discurso.

Para evidenciar esse ponto, tem-se como base a fala do interno ao ser perguntado se ele achava a biblioteca importante para ele e por que. Como resposta o interno relatou que ele vê o espaço importante não só para ele, como também para todos que estão ali presos, pois aquele ambiente propiciava a eles a leitura - que segundo ele “faz o ser humano crescer” -, como também passar o tempo deles ali na prisão, uma vez que a maior parte do tempo eles ficam sem realizar nenhum tipo de atividade.

As representações que o preso fez acerca da biblioteca prisional, portanto, são construídas através de um discurso totalmente positivo, onde a biblioteca traz juntamente com ela um pouco da humanidade que acaba se perdendo aos poucos devido a toda complexidade da situação dos presídios. O interno expôs isso em diversos momentos de sua fala, destacando em uma, o quanto é positivo o contato com o livro e conseqüentemente com a leitura.

E mesmo a biblioteca oferecendo somente o empréstimo de livros, percebe-se que os internos a veem como a “leitura em si”, já que sendo ela a fornecedora dos livros, tudo o que eles acabam trazendo para cada um, acaba refletindo na imagem da biblioteca, como se a mesma realizasse todo o processo da leitura no indivíduo. O interno ao se referir ao livro e a leitura aponta o fato de os mesmos “ajudarem a sair dali, de viajar, de se transportar”, ponto que evidencia a biblioteca como subsídio de libertação de sentimentos e libertação interna. Conclui-se à vista disso que a biblioteca é vista com bons olhos pelos presidiários, sendo representada como totalmente útil naquela esfera.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na elaboração deste trabalho pode-se notar que o presidiário representou a biblioteca prisional de um modo positivo. Todas as informações expostas ao longo do estudo contribuíram para obtenção dessa resposta final.

Poder entender a situação carcerária brasileira, o perfil dos presos, e mais especificamente a situação do PEM, trouxe uma base para um melhor entendimento da situação encontrada atualmente dentro dos presídios e como esse cenário influencia em toda a vida do presidiário e em sua ressocialização.

Sob a perspectiva teórica evidencia-se que o entendimento dos conceitos de representação e memória embasaram a análise da representação feita pelo interno ao participar da entrevista. Outro ponto que merece destaque neste trabalho é a compreensão da atuação do bibliotecário em presídios, que também desanuviou o que pode e deve se esperar do profissional bibliotecário nesse contexto, além do propósito e potencial da biblioteca.

A biblioteca prisional se mostra dentro do ambiente prisional como um dos procedimentos de auxílio a essa ressocialização dos internos, porém de acordo com o que foi apresentado, tornou-se possível identificar toda a falta de estrutura básica para o ideal funcionamento dos presídios. Com isso, conseqüentemente, a biblioteca fica em segundo plano, não podendo, portanto, deixar ao esquecimento a situação precária do presídio que prejudica qualquer tipo de apoio a ressocialização básica.

Apesar de todos problemas estruturais reconhecidos, a biblioteca aparece atuante dentro do presídio, longe da forma esperada, porém agregando pontos positivos a todo o contexto prisional segundo análise da narrativa do interno entrevistado. O que desponta nesse ponto é a percepção de que a biblioteca mesmo atuando com uma pequena parte do que ela pode proporcionar – o caso da biblioteca do PEM -, as mudanças já se fazem sentidas de acordo com o discurso do entrevistado, já que conforme relatado, o oferecimento de livros auxilia na ocupação do tempo ocioso, na retirada da mente daquele ambiente de encarceramento e o ato de poder ler engrandece o indivíduo como pessoa. Desta maneira se as atividades esperadas a respeito da biblioteca funcionassem realmente como a ideal apresentado durante todo o estudo, por exemplo, o cenário positivo e de ressocialização apresentaria mais chances para desenvolver-se mais rapidamente e adequadamente.



De acordo com a narrativa do encarcerado, a biblioteca do PEM se limita somente ao empréstimo de livros, e somente isso está longe do ideal quando se pensa em todas as atividades que podem ser desenvolvidas de apoio a ressocialização. A biblioteca não pode ser vista e usada somente como um depósito de livros, “o trabalho da biblioteca é atender às necessidades de sua comunidade e não ser simplesmente um local cheio de materiais [...]. Bibliotecas ruins somente criam um acervo, boas bibliotecas criam serviços, grandes bibliotecas constroem comunidades” (LANKES, 2012).

Assim, uma das principais questões observadas em relação à falta de atividades da biblioteca, de modo que essa possa desenvolver ações citadas ao longo do estudo, como por exemplo rodas de leitura, debates sobre livros e criação de histórias, é a falta de um profissional bibliotecário. Fazendo exatamente o papel de mediador do lazer, da cultura e do acesso aos variados tipos de informações e conseqüentemente de novos conhecimentos. Pois “bibliotecários têm habilidades em torno da tecnologia, gestão de ativos, questões culturais e engajamento para a transformação social. Eles usam estas habilidades em torno de uma missão: melhorar a sociedade facilitando a criação de conhecimento em sua comunidade”. (LANKES, 2012).

Percebe-se a existência de inúmeros problemas, porém o que deve ser levado como ponto principal são as representações que o interno fez a respeito da biblioteca prisional e também a forma que a biblioteca prisional foi representada por ele. Toda representação feita pelo presidiário a respeito da biblioteca foi inteiramente positiva.

A biblioteca foi representada de forma essencial no cenário do PEM, mostrando de acordo com a narrativa do interno a enorme importância na vida dos presidiários. Com toda essa representação positiva da biblioteca prisional, o interno em nenhum momento abriu espaço para críticas ou determinados apontamentos negativos em sua narrativa.

É importante destacar esse ponto e tentar compreender, pois levando em consideração o ambiente ao qual a biblioteca está inserida, a representação positiva dela em certa parte já se tornava esperada, visto que aparece com o propósito de fornecer o acesso à cultura e ao lazer, se diferenciando da situação negativa do presídio.

Existem também outras duas grandes possíveis influências que devem ser apresentadas. A primeira influência tem relação com o interno participante da entrevista, onde não se pode determinar até que ponto a orientação passada para ele influenciou no modo como deveria se comportar, se portar e representar a biblioteca. Assim, deve-se deixar clara a

falta de conhecimento da influência da instituição no interno, de modo que sua narrativa possa ter sido anteriormente direcionada através de orientações.

A segunda influência para compreensão de toda a representação positiva do interno, que em nenhum momento mencionou problemas ou aspectos negativos, é a construção social instaurada de valorização da leitura, dos livros e das bibliotecas, vistos sempre como sinônimo de algo apreciável positivamente. Traços de uma memória civilizatória do Iluminismo, do qual somos herdeiros, que traz as perspectivas das “luzes” advindas da razão e da erudição como definidoras de um projeto civilizatório. Neste projeto, livros, leitura, bibliotecas, museus, escolas são vistos como alicerces de uma sociedade “civilizada”. Tal perspectiva leva a uma memória que, dificilmente abrirá espaço para narrativas que levem à desvalorização deste projeto (informação verbal)<sup>4</sup>.

Portanto, apesar das representações sempre positivas do indivíduo em relação à biblioteca, deve-se levar em conta as influências que podem ser apresentadas. Trata-se de uma percepção que ganha força quando se observa, principalmente, os serviços que a biblioteca do PEM oferece, ao se limitar somente ao empréstimo de livros, e também não contando com um profissional bibliotecário atuando juntamente com outros profissionais de áreas como o Serviço Social, a Pedagogia e afins.

---

<sup>4</sup> Informação fornecida pelo professor Antonio Jose Barbosa de Oliveira na aula de História, memória e documento, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em março de 2013.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Rev. bra. bibliotecon. e Doc**, v. 15, n, ½, p. 54-61, jan./jun. 1982.
- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Education careers - explore a career in libraries: types of libraries**. Chicago, c2015. Não paginado.
- ANNA, Jorge Santa; ZANETTI, Eni Maria de Souza Pinto; NASCIMENTO, Lucileide Andrade de Lima do. Bibliotecas prisionais e a construção da cidadania: um estudo teórico das práticas bibliotecárias em favor da inclusão social. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 67-85, jan./abr. 2015.
- BAPTISTA, Sofia Galvão. A inclusão digital: programas governamentais e o profissional da informação – reflexões. **Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 2, 2006. Nota: Não paginado.
- BARROCAL, André. Se cadeia resolvesse, o Brasil seria exemplar. **Carta Capital**, c2015. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/revista/838/se-cadeia-resolvesse-4312.html>>. Acesso em: 13 mar. 2015. Não Paginado.
- BASTOS, Gustavo Grandini; ALMEIDA, Marco Antônio de; ROMÃO, Lucília Maria Souza. Bibliotecas comunitárias: analisando discursos. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v. 21, n. 3, p. 87-100, set./dez. 2011.
- BLANK, Cinthia Kath; SARMENTO, Patrícia Souza. Bibliotecas comunitárias: uma revisão de literatura. **Biblionline**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 142-148, 2010.
- Brasil. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Direitos Humanos e Minorias. **Relatório sobre tortura no Brasil**. Brasília: CDHM, 2005.
- BRASIL. Lei nº 12.015, de 7 de agosto de 2009. Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei nº 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, 7 ago. 2009. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm)>. Acesso em: 1 mar. 2016.
- BRASIL. Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a lei de execução penal, e legislação correlata. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, DF, p. 125, 11 jul. 1984. Disponível em: <[http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/766/c\\_execucao\\_penal\\_1ed.pdf?sequence=8](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/766/c_execucao_penal_1ed.pdf?sequence=8)>. Acesso em: 1 mar. 2016.
- Conselho Nacional de Justiça (Brasil). **Dados das inspeções nos estabelecimentos penais**. Brasília, DF, c2015. Disponível em: <[http://www.cnj.jus.br/inspecao\\_penal/mapa.php](http://www.cnj.jus.br/inspecao_penal/mapa.php)>. Acesso em: 30 set. 2015.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DEFENSORIA pública divulga fotos do estado precário dos presídios no RJ. **G1**, Rio de Janeiro, 23 jun. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/defensoria-publica-divulga-fotos-do-estado-precario-dos-presidios-no-rio.html>>. Acesso em: 20 set. 2015. Não paginado.

DEMARCHI, Lizandra Pereira. Os direitos fundamentais do cidadão preso: uma questão de dignidade e responsabilidade social. **Jusbrasil**, [S.l.], c2015. Disponível em: <<http://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/106771/os-direitos-fundamentais-do-cidadao-preso-uma-questao-de-dignidade-e-de-responsabilidade-social-lizandra-pereira-demarchi>>. Acesso em: 2 abr. 2015.

Brasil. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento nacional de informações penitenciárias**: Infopen. Brasília, DF, 2014..

EIRAS, Bruno Duarte. Uma janela para o mundo: bibliotecas e bibliotecários em meio prisional. In: CONGRESSO NACIONAL DE BAD, 9., 2007. Lisboa. **Anais...** Lisboa: BAD, 2007.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

GOMES, Luiz Flávio. Perfil dos presos no Brasil em 2012. **Jusbrasil**, [S.l.],c2015. Disponível em: <<http://professorlfg.jusbrasil.com.br/artigos/121932332/perfil-dos-presos-no-brasil-em-2012>>. Acesso em: 14 abr. 2015. Não paginado.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Revista dos tribunais, 1990.

HENN, Gustavo. **Apostila de auxiliar de biblioteca**. [S.l.]: [s.n.], 2011. Disponível em: <<http://biblioteconomiaconcurso.com/blog/2011/12/23/auxiliar-de-biblioteca-livro-post/>>. Acesso em: 10 set. 2015. Não paginado

ÍNDICE de reincidência criminal no país é de 70 %, diz Peluso. **Valor Econômico**, São Paulo, 5 set. 2011. Disponível em: <<http://www.posugf.com.br/noticias/todas/1214-bibliotecas-tipos-e-finalidades-por-marianna-zattar>>. Acesso em: 10 mar. 2015. Não paginado.

JOHN, Valquíria Michela. **Palavras da salvação**: as representações da leitura na prisão. 2004. 192 p. Dissertação (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

LANKES, R. David. **Expect more**: demanding better libraries for today's complex world. Jamesville, NY: Riland Publishing, 2012. Não paginado. Disponível em: <[http://quartz.syr.edu/blog/?page\\_id=8330](http://quartz.syr.edu/blog/?page_id=8330)>. Acesso em: 16 jan. 2015.

MACHADO, Elisa Campos. Uma discussão acerca do conceito de biblioteca comunitária. **Revista digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 80-94, jul./dez. 2009.

MAEYER, Marc De. A educação na prisão não é uma mera atividade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.38, n.1, p. 33-49, jan./mar. 2013.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

NITAHARA, Akemi. Defensoria relata condições precárias dos presídios do Rio. **EBC**, Brasília, DF, c2016. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/06/defensoria-relata-condicoes-precarias-dos-presidios-do-rio>>. Acesso em: 01 mar. 2016. Nota: Não paginado.

OLIVEIRA, Márcio de. O conceito de representações coletivas: uma trajetória da divisão do trabalho às formas elementares. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 13, n. 22, p. 67-94, jul./dez. 2012

OCLC. **Atendendo a bibliotecas especiais**. Ohio, c2015. Disponível em: <<http://www.oclc.org/pt-americalatina/special.html>>. Acesso em: 7 set. 2015. Não paginado.

PÉREZ PULIDO, Margarita. Bibliotecas de prisiones: concepto, modelos y normas. **Educación y biblioteca**, Rioja, ano 19, n.158, p. 73-81, 2007.

PÉREZ PULIDO, Margarita. Acerca de las bibliotecas de prisiones y sus servicios. **Educación y biblioteca**, Rioja, ano 9, n.85, p. 40-44, 1997. Disponível em: <[http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/113436/1/EB09\\_N085\\_P40-44.pdf](http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/113436/1/EB09_N085_P40-44.pdf)>. Acesso em: 8 abr. 2015.

PRESÍDIO EVARISTO DE MORAES. **Relatório programa de qualidade Rio**. Rio de Janeiro: SEAP, 2011.

RIBEIRO, Nathália Fracassi; MARTA, Taís Nader. A finalidade da pena privativa de liberdade: ressocializar ou revidar? In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE CRÍTICA DO DIREITO, 1., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UENP, 2011. p. 1-17.

RIBEIRO, Nilva Ferreira. A prisão na perspectiva de Michel Foucault. In: LOURENÇO, Arlindo da Silva; ONOFRE, Elenice Maria Cammarosano. **O espaço da prisão e suas práticas educativas**: enfoques e perspectivas contemporâneas. São Carlos: Edufscar, 2011.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers serviços editoriais, 2010.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **Tipos de bibliotecas**. Brasília, DF, c2015. Disponível em: < <http://snbp.culturadigital.br/tipos-de-bibliotecas/>>. Acesso em: 1 out. 2015. Não paginado.

SOUSA, Thais Caroline da Silva; SANTOS, Andréa Pereira; RAMOS, Rubens Borges Teixeira. Ações e projetos de biblioterapia: uma revisão de literatura brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-16.

SPINK, Mary Jane P. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, jul./set. 1993. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1993000300017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017)> . Acesso em: 1 mar. 2016. Não paginado.

THOMPSON, Augusto. **A questão penitenciária**: de acordo com a constituição de 1988. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

VALENTIN, Renata Patricia Forain; TRINDADE, Zeide Araújo. Sobre memória, representação e identidade social: alguns aspectos teóricos. **Polis e Psique**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 2011. p. 60-72.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações sociais, representações individuais e comportamentos. **Interam. j. psychol.**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 379-390, dez. 2007.

ZATTAR, Marianna. **Bibliotecas**: tipos e finalidades. [Rio de Janeiro]: UGF, 2011. Disponível em: <<http://www.posugf.com.br/noticias/todas/1214-bibliotecas-tipos-e-finalidades-por-marianna-zattar>>. Acesso em: 15 set. 2015. Não paginado.

**APÊNDICE A - ESTRUTURA DA ENTREVISTA**

Você acha a biblioteca importante? Por que?

Você usa a biblioteca?

Você conhece o (a) bibliotecário (a) daqui?

Para que você usa o espaço da biblioteca?

Você usa algum serviço da biblioteca?

Você acha a biblioteca importante para você? Por que?

Qual palavra você usaria para definir a biblioteca?